



Lina Bo Bardi na obra do Masp. São Paulo, c. 1960



ARQUITETA DA MUDANÇA

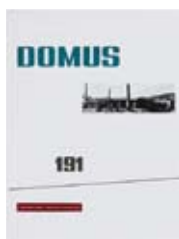
Reunião de ensaios em livro
ressalta a essência do pensamento
humanista de Lina Bo Bardi

GONÇALO JUNIOR

A italiana Lina Bo Bardi (1914-1992) já faria parte da história da arquitetura brasileira “apenas” pelos cartões-postais que criou e projetou, principalmente em duas importantes cidades brasileiras – São Paulo e Salvador. Quase duas décadas depois de sua morte, suas obras – misto de arquitetura moderna e arte visual, pode-se dizer – continuam a permear o imaginário popular por sua importância e singularidade. Na capital paulista, são seus os projetos do Museu de Arte de São Paulo (Masp) e do Sesc Pompeia. Na Bahia, concebeu o Museu de Arte Moderna e a Ladeira da Misericórdia. Só para citar alguns exemplos. Enquanto ajudava a formar a história arquitetônica, no entanto, Lina mudava tudo à sua volta por diversos outros meios. Era agitadora cultural e pensadora de destaque, e procurava debater temas mais importantes da cultura urbana moderna.

A grande imprensa e as revistas especializadas foram fundamentais para a propagação do pensamento de Lina. Em Milão, com pouco mais de 25 anos, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ela se juntou aos colegas Bruno Zevi, Giò Ponti e Ernesto Rogers para escrever artigos seminais em defesa de uma visão contemporânea e crítica sobre o habitar urbano. Também divulgou as conquistas da arquitetura e das artes contemporâneas em publicações como *Domus* e *Lo Stile*. Não foi diferente quando se mudou para o Brasil depois do conflito. Em São Paulo, com o marido Pietro Maria Bardi (1900-1999) – com quem fundou o Masp –, dirigiu a revista *Habitat*, que se tornou um importante periódico das décadas de 1950 e 1960. Em suas páginas defendeu as vanguardas artísticas europeias. Em Salvador, ao lado de intelectuais e estrangeiros ligados à Universidade da Bahia, semeou ideias que seriam as bases para os movimentos do Cinema Novo e da Tropicália.

A grandiosidade e a extensão de tudo que Lina criou e produziu ainda são desafios para muitos pesquisadores. Parte dessa lacuna começou a ser preenchida nos últimos anos com teses e, agora, com o lançamento do livro *Lina por escrito*, uma seleção de 33 artigos publicados entre as décadas de 1940 e 1990, seleciona-





Lina Bo Bardi restaurando uma carranca do rio São Francisco

dos por Silvana Rubino, professora do Departamento de História da Unicamp e conselheira do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); e pela arquiteta e mestrande da FAU-USP Marina Grinover. O volume traz desenhos originais, fotografias e obras gráficas da própria arquiteta, incluindo alguns leiautes feitos por ela especialmente para a publicação original de seus textos.

Considerada esparsa ou inacessível, a produção intelectual chama atenção pelo modo claro e inteligente com que a arquiteta procurou, como dizem as organizadoras, sensibilizar o público para a poética do simples, não como uma forma de constatação da miséria, mas representativa da riqueza de diversidades e de cultura do país. Assim, ela explorava questões do espaço de convivência entre homens livres, da memória edificada, da cultura popular, ao mesmo tempo que contemplava os temas que permearam sua ação profissional: o *design* industrial, a construção de habitação, sua aproximação com a arte popular, a museografia, a cidade como um todo,

a preservação da memória urbana e do patrimônio histórico.

Silvana Rubino conta que seu contato com Lina – que não conheceu pessoalmente – é de quem se especializou na sua obra e trajetória. “Claro que antes havia uma admiração minha, mas meio irrefletida, pois edifícios como o Masp fizeram parte da minha experiência urbana e cultural.” Uma exposição sobre Lina, acompanhada do livro editado por Marcelo Carvalho Ferraz (*Lina Bo Bardi*, Editora Imesp), despertou nela a vontade de estudá-la. A pesquisadora conta que a seleção de artigos nasceu de conversas com Cristina Filho, que era responsável pelos livros da área de arquitetura da Cosac&Naify. “Eu tinha defendido um doutorado (ainda não publicado) sobre a trajetória de Lina e, conversando com ela sobre lacunas ligadas à arquitetura no meio editorial, percebemos que fazia falta um livro que trouxesse seus artigos na íntegra.”

No primeiro momento, as duas dividiram os textos por temas. “Mas concluímos que ficaria um tanto desproporcional do ponto de vista editorial dessa forma e decidimos colocar tudo em ordem cronológica, o que permite ao leitor acompanhar os movimentos de reflexão da arquiteta no decorrer de seis décadas.” Foram excluídos 17 artigos – de um total de 60 – porque repetiam ideias ou temas de modo que tinham pouco a acrescentar. Alguns, diz a pesquisadora, tornaram-se verdadeiros “clássicos” da moderna arquitetura brasileira. Outros eram menos conhecidos. “Optamos por uma mescla de escritos que falassem de arquitetura, museus, cultura popular, patrimônio cultural etc. publicados em diversos momentos da carreira de Lina.”

São pensamentos que falam de temas diversos como educação, habitação, arte popular etc. “O arquiteto é um intelectual, pensar um edifício, uma cidade não deixa de ser um pensamento sobre a sociedade em que ele vive. As preocupações de Lina eram de um intelectual de seu tempo”, avalia Silvana. O mais revelador, prossegue ela, é a constante tomada de posição de Lina em relação à arquitetura, àquilo que seus contemporâneos faziam. Dentre os artigos, um dos preferidos de Silvana é “Teoria e filosofia da arquitetura”. “Quando li essa aula, manuscrita, com algumas palavras meio italianizadas, levei um susto. Era puro Antonio Gramsci.”



Na filmagem de *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, em Canudos

ci traduzido para os arquitetos! A partir dessa aula passei a ver com outros olhos o que ela discutia a respeito, por exemplo, da arte popular e, principalmente, a vê-la como uma artista que transitava entre diversos saberes.”

Outro ensaio que Silvana considera relevante é “Cinco anos entre os brancos”, que a professora descreve como uma espécie de carta-testamento. Trata-se, diz Silvana, de “uma análise ácida, corrosiva, sem anestesia”, das promessas feitas anteriores ao golpe de 1964, que não puderam ser cumpridas por causa da ditadura que se estabeleceu. “Roberto Schwartz escreveu que o Brasil estava irreconhecivelmente inteligente no começo da década de 1960 e Lina, de algum modo nesse texto, assina embaixo.” Não fala de arquitetura, mas das “esperanças coletivas que não serão canceladas”. O artigo foi publicado em 1967. “É belíssimo.”

Marina Grinover participou da preparação do livro porque os textos de Lina – sua fortuna crítica, em especial – são o objeto de seu mestrado na USP. Como o acervo é grande, Marina diz que há conteúdo para se organizar outros volumes. O instituto tem a maioria das revistas, jornais e catálogos onde os textos foram publicados desde 1941. Abriga ainda um acervo pessoal, cujos manuscritos e cartas estão em fase de organização. “Ao ler o conjunto de textos selecionados pela professora Silvana é possível entrar em contato com o universo temático de Lina e perceber que há um acento sempre propositivo de ideias que permearam a geração de arquitetos da qual ela fez parte”, avalia a pesquisadora. São pensamentos relacionados à cultura moderna e seus paradigmas. “Lina sempre acreditou no potencial emancipador que a arte (e podemos incluir aí a arquitetura) tem de nos fazer elaborar a existência (a vida enfim) coletiva e particular.”

Quem conhece bem os textos de Lina é a professora Vera Santana Luz, da PUC de Campinas, que em 2004 defendeu o doutorado em arquitetura e urbanismo na USP, *Ordem e origem em Lina Bo Bardi*, com orientação de Rafael Antonio Cunha Perrone. Na época, ela consultou inicialmente o acervo formalizado para consulta de Lina, montado pela professora Sophia



Em São Paulo: Masp em construção (1968) e escadas da casa de vidro

da Silva Telles, da PUC de Campinas, acessível a pesquisadores. “A edição em livro de seus textos é das mais relevantes porque amplia o leque de acesso e de possibilidades para interessados em estudar sua obra e suas ideias.”

Vera chama atenção para o fato de que não existe paradoxo entre o discurso intelectual e a prática de Lina. “Seu pensamento e realização de projetos e obras se tornaram um dos paradigmas da arquitetura moderna no século XX, não só por sua visão particular da

arquitetura que poderia se realizar no Brasil como também do movimento moderno internacional.” A sua visão de mundo do papel da arquitetura, acredita a professora, é evidenciada em tudo que ela disse, escreveu e criou. “Acho que Lina conseguia aliar universalidade e especificidade – que em meu doutorado denomino ordem e origem, respectivamente – nos termos mais amplos que essas expressões podem alcançar, sem cair em esquematismos regionalistas ou de generalização vazia.” ■